

**O GOLPE DA MÍDIA: a  
crítica ao jornalismo  
no discurso de  
intelectuais**

A COUP OF MEDIA: the critic to  
journalism in the intellectuals  
discourse

EL GOLPE DE MEDIA: la crítica al  
periodismo en el discurso de los  
intelectuales

**Christa Berger<sup>1, 2</sup>**

**RESUMO**

O texto parte do ponto de vista de que inúmeros intelectuais incorporam a crítica ao jornalismo ao analisarem a sociedade contemporânea. O acontecimento escolhido para observar a inserção da crítica às práticas na análise de intelectuais brasileiros é o processo que desembocou no impeachment da presidenta Dilma Roussef em junho de 2016. Três textos foram escolhidos como corpus da análise: o primeiro é uma entrevista com o norte-americano Glenn Greenwald pela revista Carta Capital; o segundo "A velha mídia, o golpe e o Fla-Flu que não houve", de Ednei de Genaro e Robson Gabioneta, publicado no site Outras Palavras e, o último, o artigo "Informados e Inteligentes", de Aderbal Freire Filho, publicado no livro A resistência ao golpe de 2016. A conclusão é de que, nesse caso, as críticas políticas não só incorporam informações oriundas da mí-

---

<sup>1</sup> Jornalista, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Mestrado em Ciência Política pela Universidade Nacional Autônoma de Mexico – UNAM. Doutora em Comunicação pela USP, com pós-doutorado em Teorias do Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona. É professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do CNPq. E-mail: [christab177@gmail.com](mailto:christab177@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato da autora (por correio): Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Comunicação. Av. Unisinos, 950, CEP: 93022-000 - Sao Leopoldo, RS – Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p307>

dia como afirmam que o jornalismo teve papel indiscutível no processo do impeachment da presidenta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acontecimento; Crítica à prática jornalística; Intelectuais; Golpe.

### **ABSTRACT**

This text starts from the point of view that intellectuals incorporate criticism to journalism when analyzing the contemporary society. The event chosen to observe this behavior of Brazilian intellectuals toward journalistic practices, is the process that led to impeachment President Dilma Rouseff, in June, 2016. Three texts were chosen as analytical corpus: the first is an interview with the North-American Glenn Greenwald to Carta Capital magazine: the second one, named "The old media, the coup and the Fla-Flu that did not exist", by Ednei de Genaro and Robson Gabioneta, published in the website Outras Palabras and the last one, the article "Informed and Intelligent", written by Aderbal Freire Filho, published in The Resistance to the Coup of 2016. The conclusion is that, in this case, political criticism not only incorporates information from the media but also asserts that journalism played an undisputed role in the process of impeachment of the President Dilma Rouseff.

**KEYWORDS:** Event; criticism of journalism practices; intellectuals; coup.

### **RESUMEN**

El texto parte del punto de vista de que los intelectuales incorporan la crítica al periodismo cuando en sus análisis de la sociedad contemporánea. El acontecimiento escogido para observar la inserción de la crítica en el análisis de los intelectuales brasileños es el proceso que desembocó en el impedimento de la presidenta Dilma Rouseff en junio, 2016. Tres textos forman el corpus de análisis: el primero es una entrevista con el norte-americano Glenn Greenwald publicado en la revista Carta Capital; el segundo "A velha mídia, o golpe e o Fla-Flu que não houve", de Ednei de Genaro y Robson Gabioneta, publicado en el sitio Outras Palabras; y el último, el artículo "Informados e Inteligentes", de



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p307>

Aderbal Freire Filho, publicado en el libro A resistência ao golpe de 2016. La conclusión es que, en el caso de estudio, las críticas políticas no solo tomaron prestado las informaciones oriundas de los medios como afirman que el periodismo tuvo un rol indiscutible en el proceso de impedimento de la presidenta.

**PALABRAS CLAVE:** Acontecimiento; crítica a la práctica periodística; intelectuales; golpe.

Recebido em: 19.04.2017. Aceito em: 21.11.2017. Publicado em: 01.01.2018.

## Introdução

“Quanto mais acompanhamos o noticiário, cada vez mais ficamos familiarizados com o medo e a raiva.” (Alain de Botton)

A pergunta que orienta esse texto se detém na distância entre a recepção naturalizada e acrítica das notícias que orientam e organizam nossa vida cotidiana e a interpretação que intelectuais e estudiosos da sociedade dão a estas mesmas notícias, considerando-as “estranhas e perigosas”, como constata Alain de Botton no livro *Notícias, manual do usuário*. Publicado em 2015, o livro é representativo da perplexidade que acomete um número expressivo de intelectuais que incorporam a crítica à prática jornalística em suas análises sobre a sociedade contemporânea.

Por certo que há uma longa tradição de crítica aos meios de comunicação de massa (pensemos, por exemplo, na Escola de Frankfurt) e, mais especificamente, ao papel do jornalismo para a constituição da sociedade democrática (lembremos da perspectiva do quarto poder). Tradição que passa pelas ciências sociais, pela literatura e pelo cinema. Penso que esta tradição produziu um conjunto de análises, observações e narrativas irônicas bastante contundentes sobre a presença do jornalista e sua “intervenção” na sociedade. De Karl Kraus<sup>3</sup> a Pierre Bourdieu<sup>4</sup> é possível traçar trajetórias intelectuais inconformes com o jor-

---

<sup>3</sup> Karl Kraus, austríaco, foi um intelectual ativo no contexto político cultural do início do século XX. Fundou em 1899 a revista *Die Fackel (O Archote)* na qual colaboraram outros intelectuais. A partir de 1911, Kraus passou a publicá-la sozinho. Fazia, também, leituras públicas e era, conforme, Elias Canetti “aquilo que Viena tinha então de mais vivo para oferecer”, considerando que Viena era um centro de agitação cultural. Kraus produziu aforismos sobre as grandes questões da época, mas em especial contra a guerra e contra a imprensa.

<sup>4</sup> Pierre Bourdieu publicou em 1997 um pequeno manuscrito chamado *L'emprise du journalisme*, transcrição de duas aulas que apresentou na televisão. No Brasil, a publicação inclui um

nalismo, e que fizeram circular suas opiniões, também, por meio da imprensa. Mais recente, mas com o mesmo teor, Tzvetan Todorov incluiu o jornalismo para caracterizar a natureza da sociedade contemporânea. Se no século XX, diz ele, o principal acontecimento político foi o choque entre o espírito democrático e o espírito totalitário, no século XXI nenhum modelo de sociedade diferente do regime democrático consegue se impor ou se apresentar com argumentos racionais.

Então, se não somos ameaçados por totalitarismos quem obstaculiza a afirmação dos princípios da democracia? Partindo desta questão, Tzvetan Todorov, crítico literário, ensaísta e historiador, um pensador do mundo globalizado, nos conduz ao jornalismo. Diz ele: "a democracia produz, nela mesma, forças que a ameaçam, e a novidade de nossos tempos é que essas forças são superiores àquelas que a atacam de fora. Combatê-las e neutralizá-las é tanto mais difícil quanto mais elas invocam o espírito democrático e possuem, assim, as aparências da legitimidade".

A essas forças contraditórias, porque não provêm do exterior, ele chama de "Inimigos Íntimos da Democracia". E pela onipresença na sociedade, pela aparência de legitimidade e pelo exercício do poder de nomear a vida, ele, que não estuda o jornalismo nem milita pela democratização da comunicação, reconhece que a ausência de pluralidade na cobertura jornalística torna a mídia a principal "inimiga íntima da democracia". Ao enumerar os poderes das sociedades democráticas acrescenta aos tradicionais legislativo, executivo e judiciário o poder econômico e o poder midiático. Sendo este último o que ocupa a posição de inimigo íntimo da democracia. "Acreditamos tomar sozinhos nossas de-

---

prólogo no qual Bourdieu discute a repercussão de sua intervenção na tevê em um texto acadêmico interpretando a reação dos jornalistas às suas críticas. Ele segue na discussão do jornalismo como discurso e imagem em mais outros dois livros, todos publicados no Brasil.

cisões, mas se todas as grandes mídias, desde a manhã até a noite e dia após dia, nos enviam a mesma mensagem, a margem de liberdade de que dispomos para formar nossas opiniões fica muito restrita. Nossos imperativos de ação se baseiam nas informações que temos sobre o mundo: ora, tais informações, supondo-se até que não sejam falsas, foram selecionadas, triadas, agrupadas, construídas em mensagens verbais ou visuais para conduzir-nos a tal decisão em vez de a outra". (p.143)

Acrescenta, ainda, que este poder de decidir o que será informação se acentua pela possibilidade de quem tem dinheiro de comprar "uma emissora de tevê, ou cinco, ou dez, mais estações de rádio, mais jornais, e fazer todas essas mídias dizerem o que se deseja, para que, por sua vez, os leitores, ouvintes e espectadores – os consumidores – pensem o que se espera que eles pensem" (p. 144).

Semelhante é a visão de Alain de Botton, que começa seu livro, dizendo: "O objetivo do noticiário é nos mostrar tudo aquilo que ele próprio considera mais inusitado e importante no mundo: nevasca nos trópicos; o filho ilegítimo de um presidente, gêmeos siameses. Mas, apesar dessa insistente busca pela anomalia, se há algo que o noticiário habilmente evita focalizar é a si mesmo e a posição predominante que passou a ocupar em nossas vidas. Ele se dirige a nós com uma voz natural e transparente, sem qualquer referência à própria perspectiva tendenciosa. Ele abre mão de deixar claro que não se limita a informar sobre o mundo, pelo contrário: empenha-se o tempo inteiro em modelar um novo planeta em nossa mente, um que esteja de acordo com suas prioridades muitas vezes bem específicas" (p. 11).

Esta crítica recai sobre a estrutura dos meios e analisa o lugar de fala dos veículos e sua condição de formadora da opinião pública, que deve reproduzir o que dizem os meios. Relaciona a estrutura econômica das empresas jornalís-

ticas com a posição ideológica que defendem, sendo que esta, por sua vez, organiza as condições de trabalho dos profissionais. Por fim, como este conjunto de variáveis se expressa no noticiário e suas consequências, quando reproduzão somente uma visão de mundo.

Penso que as condições atuais da sociedade, da mídia – logo do jornalismo – mas, também da produção de conhecimento contribuíram para o formato de crítica que vemos proliferar atualmente, e que aqui quero enfatizar.

A aceleração do tempo ou sua compressão, graças ao desenvolvimento tecnológico ao afetar as relações sociais, inclui, também, a prática jornalística. A circulação da informação é simultânea ao acontecimento que se faz notícia. E no tempo impregnado de urgências, a notícia ingressa logo no circuito do comentário no próprio dispositivo jornalístico, e, ao mesmo tempo fora dele. Ainda pensando na simultaneidade entre a narrativa jornalística e a narrativa de intelectuais, a existência da internet e das redes sociais incide sobre a natureza da crítica. O acontecimento acontecido que corresponde aos critérios de noticiabilidade circula como notícia. A crítica, ao analisar o acontecimento, inclui a crítica sobre a forma como foi noticiado. Tudo, muitas vezes, no mesmo dia em textos que trazem excertos da notícia ou endereços que permitem acessar e comprovar o que foi objeto de crítica.

O caso que aqui apresento diz respeito à inclusão da crítica ao jornalismo nas análises da crise política brasileira. Busco ilustrar a ideia de que há nuances na crítica política produzida hoje, por incluir a forma jornalística que dá a conhecer o acontecimento em questão, por meio de exemplos que circulam entre nós. Se fora da grande mídia são muitos os exemplos de crítica a ela, permanece como um traço de continuidade o silenciamento da imprensa sobre seu lugar de fala, que tanto causa estranheza à Todorov e à Botton.

Entre as variáveis que compõem o mosaico de razões para a crise política brasileira que deflagrou o impeachment da presidenta Dilma Rousseff está a cobertura jornalística do acontecimento.

A crítica à cobertura jornalística desloca o olhar que analistas da política costumeiramente consideram ao analisar crises políticas. No caso em questão há argumentos do contexto que passam por críticas à condução do governo pelas concessões que fez para vencer as eleições e governar; passa pela consideração do comportamento dos partidos de oposição = o PMDB, que trai mesmo sendo governo e, o PSDB, agindo pela inconformidade com o resultado das eleições presidenciais. Há questões estruturais nas análises como a natureza corruptora do poder, a presença renovada da luta de classes e o papel desempenhado pela justiça demonstrado por sua parcialidade no julgamento. Argumentos de maior ou menor peso e que estão incorporados ao arcabouço conceitual dos que interpretam os fenômenos políticos.

O jornalismo, ao ser reconhecido como um ator político passa a ser incluído nas análises, às vezes na própria grande imprensa. Por exemplo em uma entrevista com um intelectual crítico, e, em outras, nas plataformas digitais de informação<sup>5</sup> e, diversas vezes, nas publicações acadêmicas convencionais.

A intenção aqui é ilustrar a ideia da crítica à prática jornalística no desenrolar do golpe à presidenta Dilma em junho de 2016 que circula em diferentes mídias, mas não repercute nos meios tradicionais. Formo um *corpus* de análise recolhido da leitura que faço como leitora desses materiais e ao escolher fragmentos de textos com a intenção de sintetizar os argumentos que incluem o

---

<sup>5</sup> A Agência Pública realizou “O Mapa do Jornalismo Independente” listando as experiências de produção jornalística que nasceram na rede resultando de projetos coletivos. Encontrou 70, sem contar blogs e solicitando aos seus leitores que enviassem sugestão de outras experiências. Na página encontra-se uma lista com os títulos da Pública e outra originada da sugestão dos leitores.



jornalismo entre os atores que promoveram o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

O primeiro exemplo é a entrevista à revista *Carta Capital*<sup>6</sup> de 8 de junho de 2016, tendo na capa a seguinte chamada: “Glenn Greenwald: Agora está tudo claro, é golpe mesmo”. A entrevista foi realizada por Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles.

O segundo é o texto “A velha mídia, o golpe e o Fla-Flu que não houve”, publicado no site *Outras Palavras*<sup>7</sup> no dia 27 de abril de 2016, escrito por Ednei de Genaro e Robson Gabioneta.

O artigo “Informados e Inteligentes” de Aderbal Freire Filho é o terceiro texto analisado. Está publicado no livro *A Resistência ao Golpe de 2016*,<sup>8</sup> com 103 textos de professores universitários e jornalistas, que teve lançamento em muitas capitais brasileiras, ocasiões em que seus autores apresentaram seus textos, com auditórios lotados e sem cobertura midiática.

---

<sup>6</sup> *Carta Capital* não pode ser considerada exemplo de mídia hegemônica, embora seja uma revista produzida semanalmente e vendida em bancas de jornais. O que a diferencia é o projeto editorial.

<sup>7</sup> *Outras Palavras*, iniciou em 2010 com um projeto editorial sustentado por leitores-colaboradores através do programa Outros Quinhentos, para a produção de um “boletim de atualização”, em que publica ensaios de colaboradores sobre cultura, política, comportamento, sociedade e economia. É um projeto político que visa contribuir para enfrentar a crise civilizatória global através do conhecimento de suas contradições e possibilidade de enfrentá-las. Acaba de criar um canal do YouTube para a produção de material jornalístico também em vídeo.

<sup>8</sup> O livro *A resistência ao golpe de 2016* é apresentado pelos organizadores como uma resposta ao “[...] trauma de uma importante derrota política. Não foi fácil atravessar o indigno e infame dia 17 de abril de 2016 – histórico, na avaliação da Rede Globo”. Ele se inscreve como um gesto de resistência e se apresenta com esse objetivo: “Esse livro inscreve-se nessa luta política. Reunimos aqui advogados, professores, cientistas políticos, jornalistas, filósofos, economistas, políticos, escritores todos comprometidos com a resistência ao golpe, ainda que não necessariamente alinhados política ou partidariamente. Do papel do STF à atuação da mídia, das pedradas fiscais aos meandros do poder legislativo, do papel dos atores políticos internacionais aos bastidores da Lava Jato, da crise da representatividade à ofensiva golpista, são inúmeros os recortes, ângulos e as perspectivas sobre o golpe em curso no Brasil. [...] significa, para cada um de nós, uma maneira de publicamente traduzir nosso compromisso com a democracia e a com a legalidade”.

## Carta Capital

Na apresentação da entrevista, Greenwald é identificado como jornalista e escritor (a formação dele é em direito) norte-americano que ficou conhecido por ter sido escolhido por Edward Snowden para revelar a rede de grampos da National Security Agency (NSA) do governo dos EUA. Ganhador de um prêmio Pulitzer e de um Oscar pelo documentário sobre Snowden mora no Brasil há 11 anos e publica suas matérias no site The Intercept, no qual vem tratando do Brasil e mudando, conforme a *Carta Capital*, o olhar da imprensa estrangeira sobre o golpe de Estado disfarçado de impeachment.

Perguntado se o tempo em que vive no Brasil fez ele se interessar mais pela política local nesse momento de crise. A resposta é:

[...] amo este país que me deu muitas coisas, e penso que tenho não somente o direito, mas a obrigação de fazer reportagens sobre o que não está sendo feito, mas acho necessário fazer. Este período que estamos vivendo não é normal. É uma crise que está ameaçando a democracia. Existe um risco de que ela seja extinta de novo e não posso ficar sem fazer nada, quando acho que tenho algum poder de ajudar e defender a democracia. Não ficaria em paz com minha consciência o resto da minha vida, se não fizesse coisa alguma.

O jornalismo deve contribuir para a democracia, e o jornalista, que tem *status* profissional, tem a obrigação de trabalhar para sua consolidação.

A resposta continua ainda se referindo especificamente ao Brasil: “Em relação à mídia dominante, talvez eu não percebesse antes o quão extremista ela é. Ela faz propaganda. Isso me choca como jornalista. Quis usar a minha revista e meus meios para lutar contra isso”.

Ele descreve a sequência dos fatos que o fizeram compreender a posição que a mídia está tomando no caso da crise, em que deixa de fazer jornalismo para fazer propaganda:

Eu vi que a Globo estava incitando os protestos. Mas, por outro lado, eu estava olhando a Lava Jato como algo impressionante, positivo, pois colocava na prisão, por corrupção, bilionários e políticos poderosos, independentemente do partido ou da ideologia. Isso não acontece nos EUA, e no Brasil menos ainda. Comecei a mudar quando o juiz Moro mandou fazer a condução coercitiva de Lula, sem razão, uma vez que o ex-presidente fazia depoimentos voluntários. Ficou claro para mim que o juiz criou uma cena dramática. Pior ainda, para mim, foi quando Moro divulgou conversa do ex-presidente com a presidenta. Ele não divulgou apenas grampos de interesse público, mas também conversas para enxovalhar a reputação do ex-presidente. Mas minha decisão de começar a cobrir a política brasileira foi quando vi o Jornal Nacional fazendo uma leitura do diálogo entre o ex-presidente e Dilma Rousseff como se fosse de novela. Tive uma imensa vergonha e pensei que era o limite do suportável.

O que lhe deu certeza para usar a palavra GOLPE, também veio da imprensa. Nesse caso é pelo que a imprensa não divulgou. Romero Jucá na gravação do delator, diz que "o que é ruim, a gente esconde". A explicação de Greenwald: "Na gravação de Jucá, ele disse que a imprensa estava insistindo na saída de Dilma, nitidamente tomando partido. Ele deixou tudo muito claro". Em outra parte da entrevista, ainda se referindo à opção por usar a palavra golpe no lugar de impeachment, ele volta a se referir a gravação de Jucá. "Eu, pessoalmente, nunca usava a palavra golpe porque, para mim, era como a palavra 'terrorismo'. Todo mundo usa essa palavra politicamente. Não tem um significado específico. Para mim, a gravação de Jucá muda tudo, porque tive todos os ingredientes necessários para definir um golpe. Qualquer que seja a definição de 'golpe', ela se enquadra no que é feito no Brasil com relação à presidenta Dilma. Houve envolvimento de políticos, da Justiça e dos militares, entre outros.

O motivo não foram as 'pedaladas fiscais'. No dia da votação na Câmara, ninguém falou desse motivo”.

A cobertura jornalística da gravação de Jucá não destaca a parte em que ele se refere a “esconder” o que não deve ser mostrado, nem os motivos que ele cita para destituir a presidenta. Aqui não é pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer.

Greenwald exemplifica a importância que a gravação de Jucá tem para ele, com a cobertura que o JN deu ao fato. “Você viu o que o JN fez para noticiar essas gravações? Eles deram 20 segundos no começo, depois 15 outras reportagens sobre zica, o tempo, a Venezuela. Os últimos dez minutos foram para comentar as gravações, mas sem falar do envolvimento dos militares nem a tentativa de impedir a Lava Jato. Disseram que Temer afirmou que ‘agora tudo está certo’”. Aqui a crítica é claramente pelo enquadramento dado à notícia e a importância dada pela distribuição das matérias.

A *Carta Capital* associa o comportamento da imprensa brasileira no caso do golpe com uma avaliação que a ONG Repórteres Sem Fronteira fez classificando o Brasil em 104º lugar no quesito Liberdade de Imprensa. No relatório a ONG destacou: “De maneira pouco velada, os principais meios de comunicação incitaram o público a ajudar na derrubada da presidenta Dilma Rousseff. Os jornalistas que trabalham nesses grupos estão claramente sujeitos à influência de interesses privados e partidários, e esse permanente conflito de interesses prejudica fortemente a qualidade de suas reportagens”.

O jornalista norte-americano comentou a avaliação do Repórteres Sem Fronteira:

O Brasil ficou atrás de El Salvador, Peru e Libéria. Essa organização é muito respeitada no mundo inteiro, porque não se envolve em nenhum debate político nos países, atua como um observador. A Repor-

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p307>

ters Sans Frontières disse isso de uma forma clara e absoluta, condenando a mídia brasileira e dizendo que os jornalistas não estão se comportando como profissionais, mas tentando influir na queda da presidenta Dilma. Outra forma de avaliar a liberdade e o pluralismo da imprensa brasileira foi em relação ao assassinato de jornalistas em cidades pequenas, a concentração de empresas jornalísticas nas mãos de poucas famílias e a conexão com a classe política, tentando forçar a saída de Dilma, o que contradiz a liberdade de imprensa. A avaliação da RSF foi tão severa com a mídia brasileira que fiquei chocado e surpreso, pois eles em geral não são tão explícitos nos seus julgamentos. Imagino que isso deve ter causado muita vergonha no *Estadão*, *Folha*, *Globo*, *Veja* e *Isto É*.

A informação sobre a avaliação da ONG também foi escondida da população, assim como foi escondida a frase de Jucá.

Criticando a imprensa brasileira ele é perguntado sobre o que é, então, fazer jornalismo honesto?

Numa democracia, o jornalismo tem um propósito: o principal é ser uma força contra facções poderosas, que podem ser os ricos, o governo, a polícia, as grandes empresas. Ser realmente o quarto poder. Ele deve ser um poder que vai esclarecer, trazer à luz o que certos grupos estão fazendo às escuras. Quando o jornalismo está servindo a esta ou aquela facção, para mim é corrupto. Jornalismo que luta contra os poderosos é o jornalismo honesto, fiel a seu propósito de investigar e mostrar a verdade.

## Outras Palavras

O subtítulo do artigo intitulado "A Velha mídia, o golpe e o Fla-Flu que não houve", é: "O que revela, a respeito do impeachment, a opinião dos intelectuais ouvidos pela *Folha*. Por que o jornal escondeu de seus leitores? "

O artigo apresenta a proposta do jornal de perguntar à 31 intelectuais brasileiros se eram a favor ou contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Inicia questionando a ausência da matéria na versão impressa e dos artifícios para lhe dar pouca visibilidade na versão digital. "Foi em tom de desdém que a *Folha* anunciou: 'É previsível que entre a *intelligentsia* as visões contrárias

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p307>

ao impedimento prevaleçam”. Os autores consideram que a matéria merecia capa, chamada especial e que eles se propõem a fazer a análise do resultado da enquete, que o jornal deixou de fazer.

Foram 31 intelectuais entrevistados, “encurralados a responder se são contra ou a favor do impedimento. Cada um entregando seu breve texto à *Folha*. O resultado? Vitória, de lavada, do contra: 20 a 8, com três ficando em cima do muro”. Eles então apontam os nomes dos 20 a favor, dos três em cima do muro e dos oito contra, indicando o nome, a atividade e a idade. Não houve, dizem os autores, o jogão Fla-Flu que a *Folha* gostaria. “Mesmo tendo escolhido os próprios jogadores, o jornal não conseguiu sequer montar um time a favor. Ao jornal restou, então, o desdém e, além de não analisar, deixar para lá a divulgação”.

Eles trazem diversos episódios para demonstrar como a cobertura do jornal investe na polarização da política e, concluem: “A situação de polarização bipolar, doentia, epidêmica, foi então lançada ao entrevistado. Mas tal enquete bipolar não deu certo. Praticamente todos os 20 contrários não se posicionaram em defesa do governo Dilma, do PT, etc., mas sim em defesa da democracia, da constituição, do respeito ao voto, às eleições”.

Enquanto os a favor são econômicos em suas respostas e são a favor por motivos morais e éticos, e os em cima do muro, parece que gostariam de dizer “sim ao golpe” e não o fazem por se sentirem acuados ou para evitar constrangimentos públicos ou profissionais, entre os contra apenas dois defendem o governo Dilma e o PT, sendo que os demais traduzem sua posição na defesa da democracia. Três dos contra questionam o comportamento “golpista das corporações de mídia”. Zé Celso faz paródia ao escrever sobre a crise *Fake* da mídia. “Em 1964, o golpe nos pegou desprevenidos. Hoje não: sabemos de tudo, principalmente se não formos capturados pela novela que a ‘midiona’ não para de

tentar empurrar, para nos capturar para seu velho sistema enferrujado, desejoso de repetir a história para cair na Farsa da doida que quer acabar com as Cobras: a histórica Janaína Paschoal”.

O outro intelectual que inclui a mídia é Roberto Schwartz que salienta o confronto entre a grande mídia *versus* a internet. “A *Folha* e o *Estado de São Paulo* acabam de publicar um manifesto assinado por 500 associações empresariais exigindo o impeachment já e afirmando que chega de pagar o pato. Do outro lado está na internet um manifesto da Periferia contra o golpe, assinado por 400 associações culturais”. Por fim, Jessé Souza lembra-nos que o “golpe em curso tem um braço midiático, de combate seletivo à corrupção, que é a senha de manifestação de um público desinformado, e atende a necessidade econômica do andar de cima”.

### **A resistência ao golpe de 2016**

Muitos dos textos presentes no livro trazem no título referência à mídia – Mídia e Novo Golpe; Confira prova de que Lava Jato e Mídia formam uma política política –, outros abordam o jornalismo como um dos atores do golpe, principalmente junto com o judiciário – Golpismo à brasileira veste roupa jurídica, Relato feminino de resistência internacional ao golpe de 2016. Escolhi o texto “Informados e Inteligentes”, de Aderbal Freire-Filho, diretor e autor, ator e apresentador, que abre o livro e comenta a pesquisa que a *Folha de São Paulo* realizou no dia 10/04/16 e que também foi tema da minha análise de Outras Palavras.

Ferreira Gullar é um dos entrevistados pela FSP na enquete sobre a posição favorável ou contrária ao impeachment. Ele votou a favor, e na sua coluna de domingo (01/05/16) do mesmo jornal comentou surpreso o resultado, considerando que “pessoas reconhecidamente inteligentes e bem informadas”, se-

jam contra “em face da crise pela qual passa o país e com os tipos de argumentos que adotam, contrários aos fatos e aos princípios constitucionais que regem a nossa vida política e social”. E diz que a “única explicação para tal atitude só pode ser a necessidade de, fora de toda lógica, insistir na defesa de determinada posição ideológica, seja ela razoável ou não”.

Aderbal Freire-Filho, depois de considerar-se convidado ao diálogo que Ferreira Gullar “de certa forma propôs”, mas, também em tom irônico diz que entra no debate, talvez, indevidamente, pois pode não se enquadrar na classificação de “reconhecidamente inteligente e bem informado”. O diretor explica que “ao me considerar relativamente bem informado, quero dizer que não sou informado da situação política do Brasil exclusivamente pela chamada grande imprensa. Se me orientasse pela *Folha*, por exemplo, iria saber que o fato mais importante do dia primeiro de maio foi que uma mosca pousou na testa, no olho, no queixo, no nariz da presidenta da República”.

Aqui fica evidente a crítica aos critérios de noticiabilidade da *Folha* e que ela e a grande mídia não são a melhor fonte para que uma pessoa se considere bem informada. Ao contrário, ele é bem informado justamente por não depender da informação que circula na grande mídia.

Toma como argumento central para desenvolver seu artigo a questão do ser bem informado e cita uma frase que Ferreira Gullar reproduz, seguramente, conforme o diretor, de boa-fé: “o maior fenômeno de corrupção da história”, como fazem muitos brasileiros informados pelos grandes jornais. Traz para contra-argumento e, de certo modo, confirmar que é bem informado por ler outros jornais, a opinião de um leitor do *The Guardian*. Comentando matéria publicada naquele jornal que denuncia o golpe brasileiro, o leitor de lá diz que “essa falsa premissa sozinha é suficiente para desacreditar os argumentos da imprensa brasileira. Considerando que propina e corrupção são quase invaria-



velmente não documentados, ele se pergunta como alguém pode asseverar que um esquema é o maior da história? E sugere que a imprensa deveria parar de divulgar como fato o que não passa de uma hipérbole. De fato, não é preciso ir longe para comprovar que essa hipérbole faz parte da Gramática Portuguesa pelo Método de Confundir da Imprensa”.

Na sequência ele enumera políticas de governo que estavam em execução e que contribuíram para algumas mudanças importantes no país; razões, estas sim para que os “inteligentes e bem informados” votassem a favor do impeachment. E ainda falta tanto para dividir melhor o bolo, diz Freire Filho, “mas vem daí a reação dos poderosos: pelo que esses caras fizeram. Vão chegar nos nossos ‘sagrados direitos’”.

Por fim ele comenta a enquete:

No domingo, 10/04, a Ilustríssima, caderno da própria *Folha*, ouviu intelectuais – inteligentes e informados – sobre suas posições em relação ao Impeachment. Eram cerca de 30. Alguns não se definiram. Mas 20 se declararam contra o impeachment e sete a favor (entre os sete estava Fernando Henrique Cardoso, cujo voto talvez fosse melhor anular, pois ele é parte; então votos válidos a favor do impeachment: Ferreira Gullar e mais cinco. Ou seja, entre os inteligentes e bem informados a grande maioria votou contra. Uns poucos votaram como os deputados que vimos desfilar naquele domingo vergonhoso: aparentemente nada inteligentes, desonestos, obscurantistas... Não parece mais lógico, então, que esses 20 homens que se declararam contra o impeachment se surpreendam com pessoas reconhecidamente inteligentes e bem informadas como o Gullar adotando argumentos contrários aos fatos e aos princípios constitucionais que regem a nossa vida política e social? Não consigo atinar com a razão que qualquer deles iria sugerir para tal atitude do grande poeta. Não acredito que dissessem ser ‘a necessidade de, fora de toda lógica, insistir na defesa de determinada opção ideológica, seja ela razoável ou não’. Não vejo Ferreira Gullar ao lado dos defensores de uma ideologia de direita, como Jair Bolsonaro, Ronaldo Caiado e tantos, tantos outros.

### **Então, para concluir**

O que os três textos analisados evidenciam é que no próprio circuito de publicações a mídia está presente nas análises que elencam as razões do processo político do impeachment da presidenta. São textos de crítica à prática jornalística. Foi o Jornal Nacional que levou Glenn Greenwald a decidir cobrir a política brasileira. Foi também o JN que lhe deu convicção de que o que está acontecendo é um golpe. A gravação de Romero Jucá deixa claro, e o fato de não merecer cobertura da emissora só reforça sua convicção.

A enquete que a *Folha* realiza corresponde à visão maniqueísta que o jornal quer imprimir à política. E a repercussão que dá à enquete, por não corresponder ao que pretendia, vem ao encontro do silenciamento dos seus procedimentos quando a realidade não confirma seu ponto de vista. O colunista do jornal, além de ter sido um dos entrevistados que vota a favor do impeachment comenta, na semana seguinte em sua coluna, o resultado da enquete, deixando clara a posição do jornal. Quem não pensa como ele, não pode ser “inteligente e bem informado”. A resposta vem no site Outras Palavras e no livro *A resistência ao golpe de 2016*. É esta circulação que importa reconhecer nas camadas de sentido que vão se sobrepondo quando a intenção é não só conhecer os fatos, mas compreender como eles são narrados.

A conclusão do texto publicado em Outras Palavras sobre a enquete mostra o ponto de vista de quem percebe a naturalização que a grande mídia faz de seu ponto de vista.

“Reiteremos, então: não parece ser caso de Fla-Flu. Porém, no *agora* é a maquinação da grande mídia que predomina e com ela ‘o povo quer o impeachment’, e ‘já não há mais saída’, e ‘é urgente’ e ‘também é um dever moral’. No Brasil, jornais

não 'conversam' ou nunca se entendem com os intelectuais. Enquanto a história não vem parece ser assim. Os jornais conversam no *agora* com o povo".

O jornal insiste que o povo é a favor do golpe. E, talvez, até sejamos, mas não há suspeita sobre a razão desta escolha, como afirmam os autores na edição de Outras Palavras: "Ao visitarmos o 'banco de dados' da *Folha* uma coisa é certa: compreendendo que livros são escritos por intelectuais, o processo de impeachment de Dilma em 2016 será lembrado, no melhor dos casos, como tentativa de golpe ou como golpe de Estado liderado pelas oligarquias política, empresarial e a grande imprensa. Sim, o nome certo na história é este: golpe".

Se o tempo do *agora* é dos jornais e o tempo do *depois* é da história, o que inferimos a partir destes textos é que *agora* e *depois* se confundem e interagem nas análises dos intelectuais. Tanto é que Ednei de Genaro, mestre em sociologia, e Robson Gabioneta, mestre em filosofia, já podem adiantar que no *depois* o impeachment da grande mídia será denominado pela história, com certeza, de golpe.

Ao jornalismo cabe contribuir para a democracia. É esta a expectativa de quem aposta no jornalismo honesto, como diz Greenwald. Perspectiva que diz mais do senso comum do que da análise histórica do funcionamento do jornalismo. Lendo nossos jornais e as análises de intelectuais nas mídias alternativas, concluímos que o jornalismo brasileiro é o inimigo íntimo da democracia, constatando, infelizmente, a "descoberta" de Todorov.

## Referências

BOTTON, Allain. **Notícias manual do usuário**. São Paulo: Editora Intrínseca, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANETTI, Elias. Karl Kraus, Escola da Resistência. In: CANETTI, Elias. **A consciência das palavras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MAROCCO, Beatriz. A palavra dos intelectuais na mídia. In: TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. São Paulo: Penso Editora, 2013.

PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Márcio; RAMOS FILHO, Wilson (orgs.). **A resistência ao golpe de 2016**. São Paulo: Canal6 editora, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **Os inimigos íntimos da democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.